

FURTADO, D. A. Descontinuidade interna ao DP no Grego Clássico. *ReVEL*, v. 22, n. 42, 2024. [www.revel.inf.br].

Descontinuidade interna ao DP no Grego Clássico

Danilo de Albuquerque Furtado¹

danilo.alb.furtado@gmail.com

RESUMO: Este artigo analisa um fenômeno peculiar do grego clássico, no qual um constituinte sintático pode se encontrar embaralhado descontinuamente na ordem linear da língua – ou seja, as palavras que formam o constituinte se encontram em blocos separados por palavras externas a esse constituinte. Esses blocos, contudo, não refletem necessariamente uma estrutura sintática subjacente, o que dificulta a descrição do fenômeno em termos de movimentos sintáticos. Outro aspecto particularmente curioso dessas instâncias de descontinuidade é o fato de que podem acontecer até mesmo nas menores estruturas sintáticas. Neste artigo, estudamos o caso de DPs que se encontram descontínuos dentro da estrutura de outro DP, do qual são subconstituintes. Demonstramos que esse fenômeno não está coberto por análises do fenômeno de descontinuidade já existentes na literatura. Por isso, propomos uma solução alternativa para a questão, partindo da teoria de Nunes (1995, 2003) de movimento por cópia.

PALAVRAS-CHAVE: movimento por cópia, constituintes descontínuos.

ABSTRACT: This article studies a particular phenomenon in Classical Greek: namely, instances of syntactical constituents that are discontinuously scrambled in the language's surface word order. This phenomenon is characterized by the separation of words that belong together by material that is external to its syntactic projection. Crucially, the elements of the constituent that become separated from the rest don't necessarily share a maximal projection which would allow them to be probed and moved in accordance with traditional generative syntax assumptions. Another important aspect of discontinuity in Classical Greek is that it can occur even in subclausal syntactical projections. In this article, we focus on cases where a DP is discontinuously scrambled inside another DP. We show that this specific instantiation of the discontinuity phenomenon is not adequately described by existing analyses in the literature. Consequently, we advance our own hypothesis on how this phenomenon may be explained, by using Nunes' (1995, 2003) copy-theory of movement as the basis of our analysis.

KEYWORDS: copy-theory of movement, discontinuous constituents.

Introdução

Este artigo tem como objetivo investigar um fenômeno particular acerca do ordenamento da ordem linear das palavras dentro do DP no grego clássico². Especificamente, analisamos dados do grego clássico nos quais subconstituintes de um

¹ Doutorando da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

² Chamamos de grego clássico aqui em particular o grupo dialetal ático-jônico falado em Atenas por volta do séc. V e IV a.C. Contrapomos esse termo ao uso mais genérico da expressão 'grego antigo', que abrange um período muito mais extenso de tempo e muito mais grupos dialetais, que fogem ao escopo desse artigo.

DP se encontram embaralhados descontinuamente dentro do constituinte. Nossa análise será feita em termos das teorias sintáticas gerativistas, em particular dentro dos desenvolvimentos do Programa Minimalista iniciado por Chomsky (1995).

É bem reconhecido na literatura acerca do grego antigo que essa língua apresenta grande variabilidade no ordenamento das palavras em suas orações. Essa liberdade de ordenamento não está limitada apenas ao embaralhamento de constituintes sintáticos, mas pode inclusive acarretar a separação de um constituinte sintático em blocos separados. No exemplo a seguir, ilustramos esse fenômeno de descontinuidade³: em (1), um DP se encontra descontínuo no nível da oração (i.e. ao longo das projeções C/IP).

(1) ἔτι τοίνυν **ταύτην μόνην** ἀνάγνωθί μοι **τὴν ἐπιστολήν**

<i>éti</i> mais-ADV	<i>toínun</i> agora-ADV	<i>taút-ēn</i> essa-ACC.F.SG	<i>món-ēn</i> só-ACC.F.SG
<i>anágnōthí</i> ler-2SG.AOR.IMPER.AT	<i>m-oi</i> eu-DAT	<i>t-èn</i> a-ACC.F.SG	<i>epistol-én</i> carta-ACC.F.SG

“Agora, leia mais só essa carta para mim”

[Demóstenes 23.1624]

As palavras destacadas em negrito, apesar de se encontrarem separadas em dois blocos distintos nessa oração, são elementos de um único constituinte, “*taútēn mónēn tēn epistolēn*” “só essa carta”. Evidência disso é que elas não só formam uma unidade semanticamente coesa, como também todas elas concordam em gênero, número e caso com o substantivo “*epistolēn*” “carta”. No entanto, como mencionamos, um bloco, “*taútēn mónēn*” “só essa”, aparece antes do verbo e do objeto indireto (dativo) da oração, enquanto o segundo bloco, “*tēn epistolēn*” “a carta”, aparece posterior a esses itens lexicais. Como há material de projeções externas ao DP intervindo na sequência linear do DP, este é o fenômeno que chamamos de descontinuidade.

Observe-se que constituintes sintáticos descontínuos no grego clássico sempre apresentam uma ordem linear de suas palavras equivalentes à ordem de um constituinte contínuo. Isac e Kirk (2008: 138), focando nos DPs, afirmam que:

³ Seguindo a nomenclatura usada por Devine e Stephens (2000), Ntelitheos (2004), Kirk (2007) e Isac e Kirk (2008), entre outros autores. Devine e Stephens (2000) e Agbayani e Golston (2010) também se referem ao fenômeno como *hipérbato* (*hyperbaton*) seguindo a designação da antiguidade clássica para o fenômeno (que não deve ser confundida com o hipérbato de gramáticas modernas do português).

⁴ Todos os dados seguem a numeração padrão utilizada nos estudos clássicos para identificar o texto e o parágrafo nos quais se encontram. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/abbrevhelp>. Acesso setembro de 2023

Cada elemento que aparece separado do substantivo nos exemplos [de descontinuidade] também podem ocorrer como parte do mesmo DP [...]

A despeito do fato de que o grego antigo era caracterizado por uma ordem relativamente livre das palavras, as ordens que são atestadas (quer para DPs contínuos ou descontínuos) estão sujeitas a algumas restrições.⁵

A similaridade estrutural entre os constituintes contínuos e descontínuos também se estende à sua interpretação semântica – a princípio, constituintes descontínuos costumam ser interpretados da mesma forma que constituintes contínuos equivalentes, fora possíveis efeitos de estrutura pragmática de tópico ou foco⁶. Desse modo, a única diferença entre constituintes contínuos e descontínuos parece ser que, nos casos de descontinuidade, alguns elementos do constituinte são pronunciados em uma posição, enquanto o restante é pronunciado em outra.

Autores como Devine e Stephens (2000: 10 e ss.) e Agbayani e Golston (2010: 138 e ss.) já observaram que essa descontinuidade pode ocorrer em uma variedade de contextos e com vários tipos de constituintes no grego antigo. Também se trata de um fenômeno atestado em diversos gêneros textuais, alguns dos quais provavelmente guardavam grande similaridade com a língua falada, como os discursos retóricos. Neste artigo, tomaremos interesse especial por um caso específico dessa descontinuidade: aquele no qual o subconstituente de um DP se encontra descontínuo dentro do DP do qual faz parte, como no exemplo a seguir.

(2) τὴν τῶν πολλῶν δόξαν ἀνθρώπων

tèn	tōn	pollōn
a-ACC.SG.F	as-GEN.PL.M	muitas-GEN.PL.M
dóksan	anthrṓpōn	
opinião-ACC.SG.F	peessoas-GEN.PL.M	

“a opinião da multidão de pessoas”

[Platão. Protágoras 353a]

Em (2), note-se que o DP no caso genitivo, “tōn pollōn anthrṓpōn” “das muitas pessoas”, é um subconstituente possessivo do DP acusativo “tèn dóksan” “opinião”. No entanto, ele é descontínuo dentro dessa estrutura: um bloco, “tōn pollōn” “as muitas”

⁵ Este e os demais trechos em citação direta dos artigos em inglês são traduções de nossa autoria.

⁶ Cf. Devine e Stephens (2000). Ver também Dik (1997), que propõe que a ordem linear das orações do grego clássico é definida, em larga medida, por sua estrutura discursivo-pragmática.

aparece antes do substantivo “dóksan”, mas o restante, “anthrópōn” “pessoas”, está posicionado depois dele⁷.

Considerando-se que a ordem “tèn dóksan **tōn pollōn anthrópōn**” é gramatical no grego antigo – e possuiria o mesmo significado que (2), salvo possíveis diferenças na marcação da estrutura informacional pragmática de tópico ou foco –, supõe-se que essa seria a ordem de base. Nesses termos, assume-se que os complementos são inicialmente gerados à direita dos núcleos, em conformidade com o Axioma da Correspondência Linear (‘Linear Correspondence Axiom’) de Kayne (1994)⁸.

Assim, um aspecto que causa perplexidade com relação a estes fenômenos de descontinuidade no grego clássico é o fato de que ele não pode ser explicado através do movimento de uma projeção sintática máxima. O material aparentemente movido é material que ocupa núcleos e projeções da periferia esquerda da projeção sintática do DP genitivo. Isso implicaria dizer que os movimentos necessários para gerar essa ordem descontínua ignoram condições bem atestadas na literatura sintática, como a “Left-Branch Condition” (LBC) de Ross (1967), bem como movimento de múltiplos elementos que não formam um constituinte para uma mesma posição⁹.

(3) [DP_{acus} tèn [FP **tōn_i pollōn_j** [NP_{acus} dóksan [DP_{gen} t_i [QP_{gen} t_j [NP_{gen} **anthrópōn**]]]]]]]

A derivação em (3) ilustra a dificuldade de explicar esse fenômeno por meio de múltiplos movimentos de cada um dos elementos separados em bloco, à medida que fere pressupostos da sintaxe minimalista como o LBC. A questão central que se coloca é: que mecanismo sintático seria capaz de selecionar apenas dois itens da periferia esquerda do subconstituente “tōn pollōn anthrópōn” ‘a multidão de pessoas’ e os mover para uma posição mais alta, tendo em conta o fato de que não existe uma projeção máxima que inclua esses dois itens lexicais e exclua o NP “anthrópōn”?

⁷ Estamos nos focando aqui na descontinuidade da expressão no genitivo, e não na do acusativo, por entender que, apesar do artigo e o substantivo acusativo se encontrarem separados por material no genitivo em (2), isso não configura a descontinuidade sintática que nos interessa aqui, porque o genitivo é subconstituente da projeção do DP acusativo. Contudo, o mesmo não pode ser dito para o DP no genitivo. A diferença se ilustra por meio das seguintes estruturas, ambas gramaticais no grego antigo:

1. [DP tē n [DP tēs póleōs]_i dóksan t_i]
2. [DP tē n [XP tō n pollō n]_i dóksan [DP t_i anthró pōn]]]

⁸ Vide seção 2.

⁹ O que Agbayani e Golston (2010, p.151) chamam de *nonconstituent movement* (“movimento de não-constituíntes”).

Esse tipo de descontinuidade é tão resistente a uma análise sintática condizente com o Programa Minimalista (Chomsky 1993) que muitos autores o citam como evidência de que o grego antigo não pode ser adequadamente explicado dentro desse arcabouço teórico. Goldstein (2015: 20 e ss.), por exemplo, aponta para esse e outros aspectos da estrutura oracional grega para sugerir que a sintaxe grega não se configura de forma hierárquica, mas sim por meio de uma estrutura sintática plana¹⁰.

Consideramos, contudo, que há uma solução possível e elegante dentro do Programa Minimalista para explicar esse fenômeno. Partindo das teorias de movimento por cópia, tal como exploradas em Nunes (1995, 2003) e Bošković e Nunes (2007), argumentamos neste artigo que a descontinuidade de subconstituintes dos DPs no grego clássico podem ser explicadas através do apagamento disperso (“scattered deletion”) (Nunes 1995: 276) das cópias desses constituintes descontínuos. Sugerimos que as condições que ocasionam esse apagamento disperso estão associadas a restrições fonológicas associadas ao acento prosódico das frases fonológicas (φ).

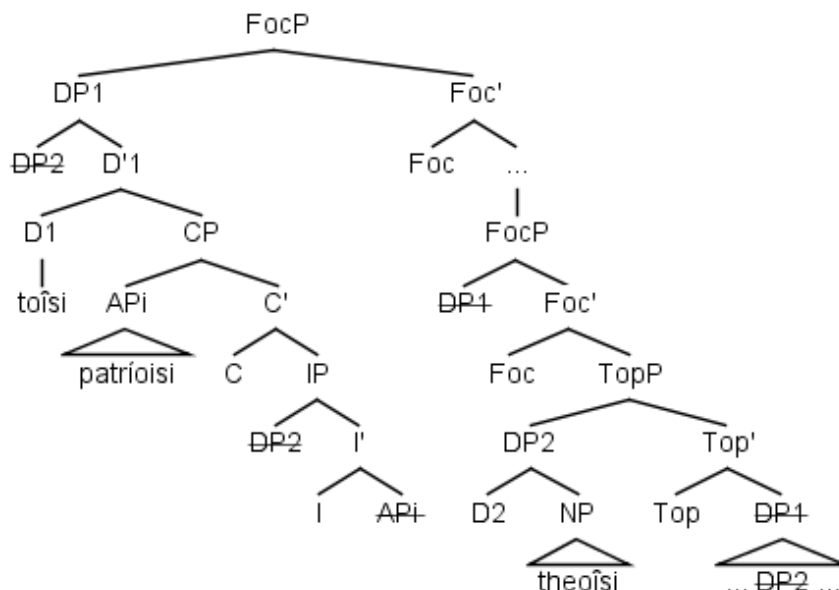
Na seção 1 iniciamos o estudo com uma rápida apresentação de propostas anteriores para explicar o fenômeno da descontinuidade no grego clássico, e demonstramos que elas não contemplam o caso da descontinuidade interna ao DP. Em seguida, na seção 2, fazemos uma breve avaliação da estrutura sintática do DP do grego clássico, comparando as posições ocupadas por subconstituintes contínuos com aquelas ocupadas pelos descontínuos. Na seção 3, esboçamos como o apagamento disperso dos elementos que compõem esses subconstituintes poderia explicar de maneira elegante a distribuição observada nos dados do grego clássico. Na seção 4, sugerimos um mecanismo fonológico capaz de motivar o apagamento disperso proposto. A seção 5 exemplifica o funcionamento de nossa hipótese através da análise de dados específicos. A seção 6 conclui.

1. Soluções Anteriores para a Descontinuidade

Vários autores já analisaram o fenômeno da descontinuidade no grego (antigo e moderno), propondo uma variedade de hipóteses para justificar esse fenômeno

¹⁰ Seguindo Chomsky (1981, p.127 e ss.) para a possibilidade de línguas com uma configuração plana. Essa proposta, contudo, se encontra bastante desatualizada em face do avanço das teorias sintáticas gerativistas desde então.

(5)



Árvore Sintática 1: Derivação final de *toîsi patríoisi ... theoîsi* “os ancestrais ... deuses” [fonte: Kirk 2007: 75]

Em (5), o DP1 “toîsi patríoisi theoîsi” “os deuses ancestrais” é separado em dois blocos descontínuos. O DP2 que encerra “theoîsi” “deuses” é movido para TopP na periferia esquerda acima de DP1, deixando “toîsi patríoisi” “os ancestrais” exclusivamente contidos na projeção máxima DP1. Isso permite que essa projeção seja movida para a projeção FocP da periferia esquerda acima de DP1, e, subsequentemente, para uma projeção FocP mais alta na estrutura oracional (e.g. na periferia esquerda de CP¹⁴). Dessa forma, “toîsi patríoisi” “os ancestrais” ocuparia uma posição à esquerda na ordem linear da oração, enquanto “theoîsi” “deuses” é ‘stranded’ numa posição à direita, de forma que o constituinte fica descontínuo.

Contudo, o próprio fato de que essa proposta identifica projeções pragmáticas na periferia esquerda de DP, acima de D⁰, significa que ela não é capaz de gerar corretamente os dados de descontinuidade interna ao DP. Como essa proposta postula que o movimento que gera descontinuidade deve ter como ‘landing site’ uma projeção pragmática¹⁵, isso também deveria ser o caso para a descontinuidade que ocorre internamente ao DP. No entanto, não é isso que observamos em um dado como (6):

¹⁴ Kirk (2007) não especifica onde a projeção FocP mais alta poderia ser gerada na oração, mas, seguindo o raciocínio de Rizzi (1997), podemos supor a periferia esquerda de CP. Já as projeções TopP e FocP juntadas acima de DP1 são explicitamente definidas como as projeções pragmáticas da periferia do DP1.

¹⁵ Visto que, a princípio, apenas essas projeções servem como sonda (‘probe’) para os traços pragmáticos [foc] ou [top] que selecionam exclusivamente um bloco ou outro do constituinte descontínuo. Do contrário, uma sonda que busca um outro traço qualquer de DP deveria mover o constituinte por inteiro, ao invés dos blocos separados nas projeções pragmáticas.

(6) τοὺς ταύτη χρωμένους τῇ ἐργασίᾳ

toùs	taútēi	khrōménous
OS-ACC.M.PL	essa-DAT.F.SG	praticar-PART.PRES.MED.ACC.M.PL
tēi	ergasíai	
a-DAT.F.SG	profissão-DAT.F.SG	

“os praticantes **dessa profissão**”

[Ésquines 1.119]

Neste dado, o subconstituente “taútēi tēi ergasíai” “essa profissão” encontra-se embaralhado descontinuamente. Contudo, nenhum dos dois blocos descontínuos ocupa uma projeção pragmática do DP acusativo “toùs khrōménous”. Como Kirk (2007) e Isac e Kirk (2008) propõem que TopP e FocP são projetados acima de DP, e que o movimento para uma projeção pragmática mais alta é a causa da descontinuidade, a única ordem lícita de embaralhamento descontínuo interno ao DP deveria ser “taútēi toùs khrōménous tēi ergasíai”, construída conforme a estrutura em (7), diferentemente da ordem de fato atestada.

(7) [_{FocP} **taútēi** [_{DP1} toùs [_{NP} khrōménous] [_{FocP} **tēi** [_{DP2} [_{DemP} **tēi**] tēi [_{NP} ergasíai]]]]¹⁶

A análise de Agbayani e Golston (2010) também falha em contemplar a distribuição da descontinuidade interna ao DP. Esses autores propõem que a descontinuidade – que eles chamam de “hipérbato” (‘hyperbaton’) – não é ocasionada por movimentos sintáticos, mas sim por movimentos fonológicos. Especificamente para os casos que eles chamam de hipérbato curto (‘short hyperbaton’), onde o embaralhamento descontínuo ocorre dentro de uma mesma frase fonológica¹⁷, eles sugerem que é a seguinte restrição fonológica que ocasiona o movimento:

(8) PROML: Material proeminente ocorre à esquerda de sua posição de interface. (= (104) de Agbayani e Golston 2010: 158)

Deixando de lado a questão de como determinar o que é material proeminente ou não no grego clássico, a restrição basicamente pede que os constituintes prosódicos (localmente) proeminentes invertam sua posição com o constituinte prosódico

¹⁶ Note-se que, na proposta de Kirk (2007), como estamos tratando de uma descontinuidade de um DP dativo dentro da estrutura de um DP acusativo, o elemento que pragmaticamente ‘scrambled’ para uma posição descontínua, “taútēi”, deveria de sua posição original para uma projeção FocP da periferia esquerda do DP genitivo (DP2) para a projeção FocP da periferia do DP acusativo (DP1).

¹⁷ Portanto, é o caso que deveria cobrir as instâncias de descontinuidade internas ao DP.

imediatamente à sua esquerda. Com isso em mente, considere-se a representação prosódica inicial esperada do constituinte em (6), dada abaixo (o material proeminente suscetível à regra PromL está em negrito):

(9) ((toùs_σ khrōménous_ω)_ω ((**taútēi**)_ω (tēi_σ ergasíai_ω)_ω)_φ)_φ

Crucialmente, o constituinte prosódico imediatamente à esquerda de “taútēi” não é apenas “khrōménous”, mas a palavra prosódica “toùs khrōménous” como um todo. De acordo com PromL, o constituinte prosódico “taútēi”, portanto, deveria ser deslocado para a esquerda de “toùs khrōménous”, e não para o meio dessa palavra prosódica. Isso significa que, tal como Kirk (2007) e Isac e Kirk (2008), a proposta de Agbayani e Golston (2010) prevê erroneamente que a descontinuidade interna ao DP no dado (6) deveria emergir exclusivamente na ordem “taútēi toùs khrōménous tēi ergasíai”, em revelia aos fatos observados.

Demonstramos, portanto, que até mesmo hipóteses recentes avançadas na literatura são incapazes de descrever corretamente o fenômeno da descontinuidade no grego clássico de modo geral. Ilustramos essas deficiências em particular através dos casos de descontinuidade interna a um constituinte DP, de modo que defendemos que essa manifestação específica do fenômeno de descontinuidade merece atenção especial. Por este motivo, analisaremos esses casos de descontinuidade em específico neste artigo. Em seguida, avançaremos uma hipótese capaz de gerar corretamente esses fenômenos – e possivelmente capaz de explicar a descontinuidade no grego antigo de forma geral, abrangendo outros tipos de constituintes.

2. Ordenamento do DP no Grego Clássico

Antes de discutir o fenômeno da descontinuidade interna ao DP em detalhes, é necessário entender a estrutura sintática do DP no grego clássico. Consideremos inicialmente três posições lineares ocupadas por DPs possessivos genitivos dentro de um outro DP. Esses possessivos frequentemente encontram-se: i) após o NP (10); ii) entre D^o e NP (11); iii) antes de D^o (12)¹⁸ (possivelmente em Spec-DP ou uma projeção

¹⁸ Outras ordens lineares são possíveis, como NP > D^o > PossP, onde NP foi presumivelmente movido para uma projeção pragmática acima de DP, ou o caso de “determiner spreading” (‘espraiamento do determinante’) em que o artigo definido (D^o) aparece múltiplas vezes no DP, se encontrando preposto tanto ao NP quanto ao PossP. Esses outros ordenamentos possíveis não serão imediatamente relevantes para a hipótese que defenderemos aqui, então os deixaremos de lado por ora.

pragmática TopP ou FocP acima de DP¹⁹). Essas ordens estão exemplificadas abaixo, com o possessivo destacado em negrito:

(10) ἐν τῇ οἰκίᾳ **Φερεκλέους**

en	t-ēi	oikí-ai	Fereklé-ous
em	a-DAT.SG.F	casa-DAT.SG.F	Fericles-GEN.SG.M

“na casa de Fericles”

[Andócides 1.17]

(11) ἐν τῇ **Δημοσθένους** οἰκίᾳ

en	t-ēi	Dēmsthén-ous	oikí-ai
em	a-DAT.SG.F	Demóstenes- GEN.SG.M	casa-DAT.SG.F

“na casa de Demóstenes”

[Ésquines 3.162]

(12) ἐς τοῦ **Καμβύσεω** τὰ οἰκία

es	t-oû	Kambús-eō
em	o-GEN.SG.M	Cambíses-GEN.SG.M

t-à	oikí-a
as-ACC.PL.N	casas-ACC.PL.N ²⁰

“nos palacetes de Cambíses”

[Heródoto 1.122.1]

Assumimos, portanto, que PossP é gerado em uma posição abaixo daquela em que o núcleo nominal N^o é normalmente pronunciado, mas que pode ser opcionalmente movido para posições mais altas no DP. Seguindo Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007: 574 e ss.), vamos assumir que a estrutura de D/NP possui uma hierarquia funcional como (13). Nela, o núcleo N^o é incorporado em n^o, e em algumas línguas n^o é também incorporado em Num^o – supomos que este é o caso do grego antigo. Já os possessivos (PossP) são gerados em Spec-nP (14), e opcionalmente movidos para Spec-AgrP (15) ou até Spec-DP (ou alguma projeção pragmática acima de DP) (16).

¹⁹ Como nas propostas de Kirk (2007) e Isac e Kirk (2008). Para uma exploração da teoria de que o DP deve possuir projeções de tópico e foco, ver Aboh (2004).

²⁰ Note-se que *oikía* aqui está no gênero neutro, sendo, portanto, o acusativo plural do item lexical *oikíon*, não o nominativo singular *oikía*. A palavra *oikíon* é derivada diminutiva de *oikía*, usada em Heródoto para se referir a “palaces containing several ranges of buildings” (cf. sua entrada no dicionário LSJ). Isso não interfere na distribuição do sintagma possessivo.

(13) DP > AgrP > NumP > GenP > nP > NP

(14) [DP [D tēi] [AgrP [NumP [Num [N oikíai i]] [nP [PossP **Ferekléous**] [NP t_i]]]]]]

(15) [DP [D tēi] [AgrP [PossP **Demósthénous**]_j] [NumP [Num [N oikíai i]] [nP t_j] [NP t_i]]]]]]

(16) [DP [PossP [DP_{gen} **toû Kambúseō**]]_j] [D tà] [AgrP [NumP [Num [N oikía i]] [nP t_j] [NP t_i]]]]]]]]

Com essa estrutura em mente, considere-se novamente o dado (2), repetido abaixo como (17):

(17) τὴν **τῶν πολλῶν** δόξαν **ἀνθρώπων**

tèn	tōn	pollōn
a-ACC.SG.F	as-GEN.PL.M	muitas-GEN.PL.M
dóksan	anthrópōn	
opinião-ACC.SG.F	peessoas-GEN.PL.M	

“a opinião da multidão de pessoas”

[Platão. Protágoras 353a]

O DP genitivo possessivo encontra-se embaralhado descontinuamente em duas posições lícitas para os possessivos em geral. Ou seja, o embaralhamento que causa descontinuidade não parece envolver projeções sintáticas distintas daquelas que são comumente utilizadas para gerar as diferentes ordens gramaticais de constituintes contínuos. Argumentaremos que, de fato, os constituintes descontínuos são movidos da mesma forma que os constituintes contínuos dentro da estrutura do DP, mas que requerimentos fonológicos impedem que eles sejam pronunciados dentro da mesma frase fonológica φ.

Na próxima seção, apresentamos o arcabouço teórico sobre o qual nossa hipótese irá se desenvolver.

3. Movimento por Cópia e Apagamento Disperso

Dentro do Programa Minimalista, uma linha teórica bem estabelecida para a análise de movimentos sintáticos é a teoria de movimento por cópia (Nunes 1995, 2003). Ela propõe que não existe uma operação “Mover” na sintaxe minimalista, mas que os efeitos de movimento sintático são na verdade o resultado de quatro operações mais elementares: (i) Copiar; (ii) Juntar; (iii) Formar Cadeia e (iv) Reduzir Cadeia. Consoante Nunes (1995: 85), quando um elemento sintático é copiado em uma nova

posição da sintaxe, ele forma uma cadeia de elementos não-distintos com as demais cópias que c-comanda, cada uma das quais é um elo na cadeia.

No entanto, o módulo de interface com a fonologia, o componente fonológico PF, precisa que a estrutura sintática seja linearizada em uma sequência unidimensional de itens lexicais com uma ordem definida, para que possa ser expressa ao longo do tempo pelo aparelho articulador (Hornstein, Nunes e Grohmann 2006: 216). Essa linearização é feita em termos do Axioma da Correspondência Linear ('Linear Correspondence Axiom' – LCA) de Kayne (1994). Contudo, as cadeias de elementos não-distintos ferem o LCA, pois as múltiplas cópias de um objeto podem não só simultaneamente preceder e seguir um outro elemento, mas também exigem que um dado objeto preceda a si mesmo: ambas essas situações são violações das propriedades básicas de linearização (Kayne 1994: 4)²¹.

Para evitar esse tipo de violação do LCA e alcançar uma estrutura capaz de ser linearizada em PF, portanto, o aparato linguístico dispõe de uma operação que apaga cópias de uma cadeia de elementos não-distintos, até que se possa estabelecer sua posição na ordem linear sem nenhuma ambiguidade. Nunes (1995: 279) chama essa operação de Reduzir Cadeia. Normalmente, Reduzir Cadeia prefere apagar as cópias mais baixas de uma cadeia, pois estas não tiveram seus traços checados ainda (id.: 291). Por isso, a 'cabeça' de uma cadeia de cópias não-distintas (i.e. a cópia que ocupa a posição mais alta numa estrutura de c-comando assimétrica) é, em casos comuns, a única cópia pronunciada em PF. Da mesma forma, considerações de economia favorecem a utilização do menor número de operações de apagamento de elementos sintáticos quanto possível, de modo que, na maioria dos casos, Reduzir Cadeia apaga a projeção máxima de um constituinte copiado, ao invés de seus elementos separadamente.

Nunes (2003), contudo, prevê a possibilidade do 'apagamento disperso' ('scattered deletion') dos elementos que compõem um constituinte complexo copiado na derivação sintática. No apagamento disperso, diferentes elementos de um

²¹ As três propriedades que definem a ordem linear são:

- “(1) a. It is transitive; that is, $xLy \& yLz \rightarrow xLz$.
 b. It is total; that is, it must cover all the members of the set: for all distinct x, y , either xLy or yLx .
 c. It is antisymmetric, that is, not $(xLy \& yLx)$.” (KAYNE, 1994, p.4)

Note-se que, enquanto não há especificação de que um elemento não pode preceder a si mesmo, a restrição da antissimetria (c) já requer isso, dado que se um elemento precede a si mesmo, ele também segue a si mesmo. Portanto, nenhuma relação de ordem linear pode ser definida para termos não-distintos.

constituente são pronunciados em diferentes elos da cadeia de cópias. De acordo com Nunes (2003: 54):

O sistema proposto aqui na verdade permite instâncias do apagamento disperso, caso o apagamento pleno ('full deletion') dos elos de uma cadeia não gere uma derivação convergente. Por exemplo, se uma derivação não converge porque o apagamento pleno leva a violações de outras restrições do componente fonológico, ela não irá competir com as derivações correspondentes que envolvem apagamento disperso.

Em resumo: a teoria de movimento por cópia estipula que quando um constituinte sintático parece ter sido movido na sintaxe, ele é, na verdade, inicialmente copiado para a nova posição, de modo que, antes da aplicação da operação Reduzir Cadeia, ele ocupa duas posições. Para uma frase como “Os três carros quebraram”, supomos uma derivação inicial dada em (18).

(18) [IP [DP OS [NumP três [NP carros]]] ... [VP quebraram [DP OS [NumP três [NP carros]]]]]

A aplicação mais econômica de Reduzir Cadeia apaga a cópia mais baixa do constituinte como um todo, resultando, como esperado, numa derivação como (19). Em comparação, a derivação (20) ilustra uma derivação em que ocorre o apagamento disperso do DP²².

(19) [IP [DP OS [NumP três [NP carros]]] ... [VP quebraram [~~DP OS~~ [~~NumP três~~ [~~NP carros~~]]]]]

(20) [IP [DP OS [NumP três [~~NP carros~~]]] ... [VP quebraram [DP OS [NumP três [NP carros]]]]]

Crucialmente, contudo, uma derivação como (20) não é ilícita no sistema, mas apenas bloqueada pela operação mais econômica (19). Isso porque (19) requer uma única operação de apagamento feita sobre a cópia mais baixa do DP. (20), por outro lado, requer três operações de apagamento: uma sobre a cópia mais alta de NP, e outras duas para apagar as cópias mais baixas dos itens lexicais do DP já pronunciados no elo mais alto.

Se, contudo, restrições no nível PF determinarem que o apagamento pleno em (19) gera uma estrutura impossível de ser pronunciada, e, portanto, não-convergente, a opção por uma operação de apagamento como em (20) se torna possível. Argumentamos que esta é uma explicação plausível para várias instâncias de descontinuidade observadas no grego clássico, em particular para a descontinuidade interna ao DP.

²² Que geraria a ordem agramatical em português “os três quebraram carros” para o sentido de “os três carros quebraram”.

Recorde-se que mencionamos que os elementos que compõem DPs descontínuos estão restritos às mesmas ordens lineares de DPs contínuos. Também expomos que a interpretação semântica de DPs contínuos e descontínuos é equivalente (salvo possíveis diferenças na estrutura informacional discursiva de topicalização ou focalização). Sugerimos, portanto, que o apagamento disperso é uma explicação adequada para capturar a descontinuidade observada internamente aos DPs no grego clássico. Afinal, o apagamento disperso permite separar, no componente PF, um constituinte em blocos distintos separados por material externo a esse constituinte, sem, contudo, renunciar à configuração sintática esperada do constituinte. De modo que a derivação de (17) procede como em (21):

(21) [DP [D tèn] [AgrP [PossP [DPgen tōn [QP pollōn [~~NP anthrōpōn]]]]] [NumP [Num [dóksan]]] [NP [PossP [DPgen tōn [QP pollōn [NP anthrōpōn]]]]] [NP [N dóksan]]]]]]~~

Assim, demonstramos até aqui que o fenômeno do apagamento disperso é, em princípio, capaz de ocasionar as ordens atestadas no grego clássico de maneira bastante elegante. Contudo, mencionamos ao longo dessa discussão que esse mecanismo sintático só pode ocorrer quando a aplicação mais econômica da operação Reduzir Cadeia é incapaz de gerar um objeto fonológico convergente em PF.

Na próxima seção, portanto, devemos motivar o fenômeno de apagamento disperso que estamos propondo para o grego clássico. Defenderemos a tese de que duas regras fonológicas relacionadas à marcação prosódica das frases fonológicas φ do grego clássico podiam entrar em conflito em certos constituintes, gerando um impasse no qual nenhum acento prosódico poderia ser definido. Nesses casos, a operação Reduzir Cadeia aplica o apagamento disperso sobre o constituinte sintático de forma a resolver o impasse entre essas regras, de modo a gerar um objeto fonológico convergente.

4. Motivando o Apagamento Disperso

Bošković e Nunes (2007: 44) indicam que existe uma circunstância específica na qual o apagamento disperso pode ocorrer:

Então, o motivo pelo qual o apagamento disperso nas cadeias não é permitido na maioria dos casos é que essa é uma opção custosa. Ele será empregado apenas no caso em que derivações alternativas que aplicam menos operações de apagamento **violam requerimentos adicionais do componente fonológico**, de forma que elas não convergem. (grifo nosso)

Para motivar qualquer proposta de apagamento disperso, portanto, é necessário propor quais são os “requerimentos adicionais do componente fonológico” que impedem uma derivação com uma única aplicação da operação de apagamento sobre a projeção máxima do constituinte movido. Idealmente, essas restrições devem ser independentemente motivadas, para que não existam apenas com a finalidade de motivar esse mecanismo sintático.

Propomos que é possível definir restrições fonológicas que motivam o apagamento disperso no grego clássico principalmente por meio da aplicação de regras fonológicas já existentes na literatura. Se a linearização contínua da cópia alta de um constituinte gerar um conflito entre duas regras fonológicas, aí teremos uma instância de uma violação de um requerimento fonológico, de modo que a operação Reduzir Cadeia é forçada a procurar alternativas que gerem um resultado convergente em PF. Se o apagamento disperso for a opção mais econômica para obter esse resultado, ele será empregado, e resultará em um constituinte descontínuo.

Nesse sentido, o fato de que fenômenos de descontinuidade podem ocorrer até mesmo dentro de um domínio DP é revelador. Como o fenômeno opera sobre constituintes nominais que envolvem múltiplas palavras prosódicas distintas, presumimos que as restrições fonológicas relevantes são as que operam no nível da frase fonológica (‘phonological phrase’ – φ). Truckenbrodt (1995: 28) resume muitos dos pressupostos teóricos fundamentais da relação entre a estrutura sintática gerativista e a hierarquia de níveis prosódicos, e postula que

... existem regras ou restrições que relacionam enunciações sintático-semânticas [...] a enunciados fonológicos, [regras que relacionam] cláusulas e raízes (‘root-elements’) a frases intoacionais, [regras que relacionam] XPs sintáticos a frases fonológicas, e [regras que relacionam] X⁰s sintáticos a palavras prosódicas.

Truckenbrodt (1995) estabelece a relação entre frases fonológicas, projeções sintáticas e acento frasal a partir de três restrições:

Envolver-XP (‘Wrap-XP’): Cada XP com núcleo lexical deve estar contido dentro de uma frase fonológica (φ). (Truckenbrodt 1995: 81)

Acento-XP (‘Stress-XP’): cada projeção XP com um núcleo lexical deve conter um acento frasal x_{φ} . (Truckenbrodt 1995: 226)

Alinhar- φ, R (‘Align- φ, R ’): alinhe a borda direita de cada φ com a borda direita de cada x_{φ} . (Truckenbrodt 1995: 119)

Essas restrições definem, portanto, que em geral a proeminência prosódica de φ fica na sua borda direita. Dado o LCA e a teoria de cópia, a borda direita de uma frase fonológica será o elemento pronunciável que ocupa a posição mais baixa numa cadeia

de c-comando assimétrico. Dessa maneira, identificamos na sintaxe qual elemento deve receber o acento frasal de acordo com essas restrições fonológicas.

O estatuto informacional dos elementos que compõem o constituinte, contudo, pode exigir que o acento frasal se encontre em outra posição na frase fonológica φ . Esse é um princípio bem estabelecido para a categoria Foco na literatura de acento prosódico²³. Selkirk (1995: 556), contudo, ilustra a importância da distinção entre informação nova e velha (ou dada) para a marcação prosódica dos constituintes sintáticos, independentemente da marcação de Foco.

A marcação do traço F postulada na teoria de projeção do foco proposta tem um papel na definição da articulação novo-dado (a “estrutura informacional”) da oração. Parece que constituintes marcados com o traço F, mas que não são Foco, são interpretados como novos no discurso, enquanto um constituinte sem marcação-F é interpretado como dado. Um constituinte Foco, por outro lado, pode ser interpretado como dado ou novo no discurso.

Uma regra prosódica simples define qual a relação entre esse traço F e o acento prosódico:

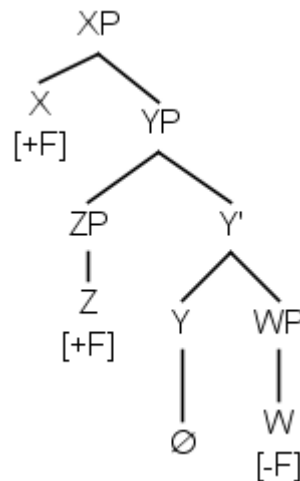
(22) Regra Básica do Foco (“Basic Focus Rule”):
Uma palavra com acento é F-marcada

Nesses termos, então, diremos que elementos com um traço de proeminência informacional [+F]²⁴ devem receber o acento frasal em detrimento de elementos marcados como [-F]. Mas isso significa que os requerimentos de acento frasal na borda direita e os de acento frasal em elementos [+F] podem entrar em conflito. Considere-se o seguinte constituinte esquemático:

²³ “The accounts of assignment of p-stress [phrasal stress] agree insofar they acknowledge that focus as well as syntactic structure have a role to play in this assignment.” (TRUCKENBRODT, 2006: 574)

²⁴ Propomos que a proeminência informacional do traço [F] aqui ocorre de duas maneiras: ou por ser informação nova, ou por ser informação nova ou dada apresentada em função contrastiva. Assim, informação nova, quer faça parte do Foco definido a nível oracional ou não, é considerada pelos falantes como mais importante que informação considerada dada, e por isso é mais proeminente. Similarmente, o contraste coloca atenção especial na variável apresentada na proposição, negando a relevância das demais alternativas, e, portanto, também é proeminente.

(23)

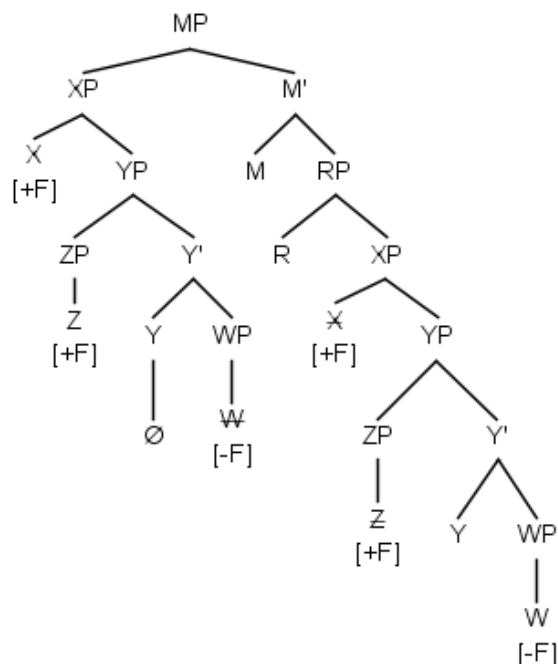


Árvore Sintática 2 – conflito esquemático entre a Regra Básica do Foco e Alinhar- ϕ ,R [fonte: produção própria]

Se um elemento Z marcado [+F] c-comanda assimetricamente um elemento W [-F] que ocupa a borda direita do constituinte, a Regra Básica do Foco definiria o acento frasal em Z, mas Alinhar- ϕ ,R definiria o acento frasal em W. As duas regras, portanto, entram em conflito. Se tanto Alinhar- ϕ ,R quanto a Regra Básica do Foco forem restrições invioláveis no grego clássico, XP não pode ser pronunciado em uma única frase fonológica ϕ . Se o constituinte XP tiver sido copiado na derivação, a operação Reduzir Cadeia tem a opção de realizar apagamento disperso sobre XP, separando esse constituinte em duas frases fonológicas²⁵ que, individualmente, podem convergir. Isso está ilustrado em (24):

²⁵ Note-se que essa ideia encontra motivação independente. Markovic (2006: 128-9), por exemplo, diz que “The use of hyperbaton for signaling or reinforcing the end of syntactical and semantic units belongs to the features of oral tradition”.

(24)



Árvore Sintática 3: derivação esquemática de apagamento disperso [fonte: produção própria]

Se a operação Reduzir Cadeia apagasse a cópia inferior de XP por inteiro, estaria enviando uma ordem linear para o PF que geraria uma frase fonológica φ incapaz de convergir. No entanto, qualquer operação que gera um resultado que não converge não pode ser considerada econômica. Consequentemente, uma aplicação de Reduzir Cadeia com um número maior de apagamentos se torna economicamente viável. Assim, Reduzir Cadeia apaga os elementos de XP individualmente, separando os elementos que formam o constituinte de modo que eles não se encontrem na mesma frase fonológica φ . Desse modo, as regras de proeminência fonológica podem convergir em cada frase fonológica.

Além do pressuposto da inviolabilidade dessas duas regras fonológicas, o único pressuposto adicional que é necessário aduzir para obter corretamente a descontinuidade interna ao DP é a postulação de que a restrição prosódica de Não-Recursividade é hierarquicamente inferior à Regra Básica do Foco e Alinhar- φ, R , e é violável.

(25) Não-Recursividade

Nenhum constituinte do nível l está contido em outro constituinte do nível l .
(Truckenbrodt 2006: 436)

De acordo com Truckenbrodt (2006: 437):

Na sintaxe, um DP pode conter outro DP, como em [_{DP} John's [_{DP} book]]. Na representação prosódica, se argumenta que a restrição de Não-Recursividade pune esse tipo de representação recursiva: um pé prosódico que contém outro

pé viola a Não-Recursividade. Também se argumenta que essa restrição é violável na representação prosódica.

Propomos que essa restrição é violada no grego clássico para satisfazer as regras fonológicas que são superiores a ela. Desse modo, quando a Regra Básica do Foco e Alinhar- φ ,R entram em conflito, não só o apagamento disperso se torna uma opção lícita para a operação Reduzir Cadeia, mas, particularmente relevante para o caso da descontinuidade interna ao DP, frases fonológicas φ recursivas podem ser estabelecidas para satisfazer as exigências de acento frasal.

Na próxima seção, ilustramos como todos esses pressupostos teóricos interagem no grego clássico de maneira a obter o apagamento disperso interno ao DP. Faremos isso a partir da análise de dados.

5. Análise de Dados

Vamos ilustrar como nossa proposta de apagamento disperso se aplica em casos específicos. Retornemos, portanto, ao dado em (17), repetido abaixo, com mais contexto, como (26):

(26) τί δέ [...] δεῖ ἡμᾶς σκοπεῖσθαι **τὴν τῶν πολλῶν δόξαν ἀνθρώπων ...**;

tí=dé [...]	deî	hēmâs	skopeîsthai
por.que [...]	é.necessário-3SG.IND	1PL.ACC	observar-INF.PRES.AT

tèn	tōn	pollōn
a-ACC.F.SG	as-GEN.M.PL	muitas-GEN.M.PL

dóksan	anthrópōn ...?
opinião-ACC.F.SG	pessoas-GEN.M.SG ...?

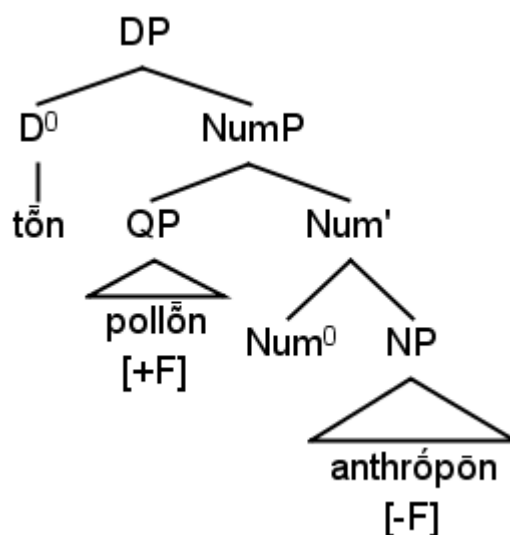
“Por que nos é necessário observar a opinião da multidão de pessoas ...?”
[Platão. Protágoras 353a]

No texto platônico, Protágoras faz essa pergunta a Sócrates quando este propõe que eles tentem, hipoteticamente como parte do diálogo deles, persuadir o povo de que uma ideia do senso comum não procede. Essencialmente, Protágoras está implicitamente sugerindo que as opiniões da maioria das pessoas não são relevantes, devido à sua ignorância, e que eles deveriam concentrar sua investigação apenas na opinião da elite.

Portanto, a pergunta de Protágoras estabelece um foco contrastivo entre as opiniões da *maioria* das pessoas com as opiniões de pessoas com uma educação

retórica. Note-se que, na expressão “tōn pollōn anthrópōn” “das muitas/maioria das pessoas”, o contraste que Protágoras está tentando estabelecer está diretamente associado à palavra “pollōn” “muitos/maioria” – esse elemento, portanto, deve ser marcado com o traço [+F]. O substantivo “anthrópōn” “homens/pessoas”, por outro lado, é pouco informativo, não-contrastivo e já presumido no contexto de uma discussão sobre opiniões (já que se considera, em geral, que apenas seres humanos possuem opiniões), de modo que sua marcação é [-F]. Nesse sentido, argumentamos que a estrutura do DP genitivo “tōn pollōn anthrópōn” “das muitas/maioria das pessoas” deve tomar a seguinte forma:

(27)

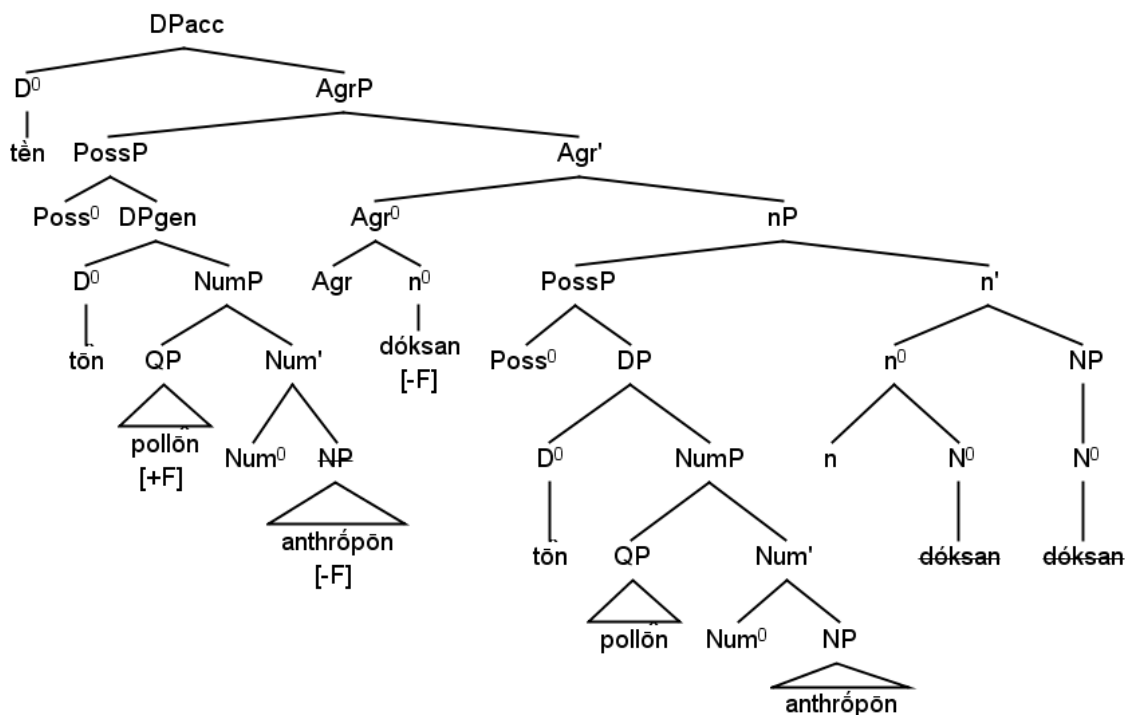


Árvore Sintática 4: estrutura sintática do DP “tōn pollōn anthrópōn” “das muitas/maioria das pessoas” [fonte: produção própria]

Esse DP genitivo não pode, a princípio, ser pronunciado dessa forma. A Regra Básica do Foco e a regra Alinhar- ϕ ,R irão definir posições distintas para o acento da frase fonológica associada a esse constituinte sintático, gerando um conflito. Como não é possível estabelecer um acento prosódico adequado para esse constituinte, ele geraria um objeto não-convergente em PF. Contudo, esse DP será copiado ao longo da derivação sintática: conforme Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), como ele é parte de uma estrutura possessiva, será gerado na posição de especificador da projeção nP que contém o núcleo N^o “dóksan” “opinião”, e será (opcionalmente) movido (i.e.

copiado) para Spec-AgrP. A estrutura do DP, antes da aplicação da operação Reduzir Cadeia, está ilustrada abaixo²⁶.

(28)



Árvore Sintática 5: derivação parcial de “tèn tòn pollòn dóksan anthrópon” “a opinião da maioria das pessoas” [fonte: produção própria]

Como o constituinte DP genitivo em PossP foi copiado pelo menos uma vez na estrutura sintática, ele forma uma cadeia de elementos não-distintos. Por isso, é preciso que a operação Reduzir Cadeia apague esses elementos em vários elos, até que reste apenas uma cópia de cada elemento, para satisfazer os requisitos da LCA de Kayne (1994). Normalmente, a forma mais econômica de fazer isso seria apagar a cópia mais baixa da projeção PossP como um todo, já que exigiria apenas uma operação de apagar.

Contudo, propomos que o DP genitivo não pode ser pronunciado em uma única frase fonológica φ sem ocasionar um conflito irreconciliável entre duas regras de acento prosódico no grego clássico. Consequentemente, a aplicação de Reduzir Cadeia que faz apagamento pleno da cópia mais baixa de PossP não é convergente, e não é

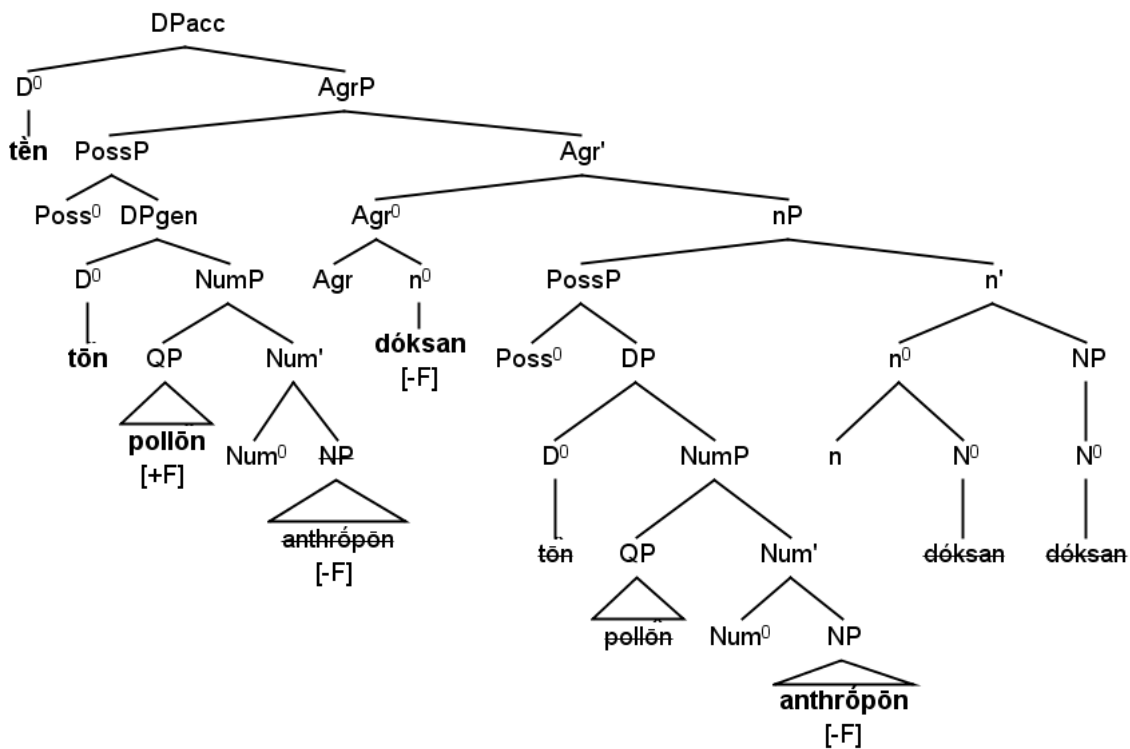
²⁶ De maneira simplificada, ignorando possíveis projeções sintáticas que não são imediatamente relevantes. Também antecipamos, para facilitar a visualização, quais cópias do núcleo nominal *dóksan* “opinião” serão apagadas.

mais contabilizada para fins de economia da derivação. Isso significa que Reduzir Cadeia agora pode recorrer ao apagamento disperso para gerar uma estrutura convergente em PF, apagando os elementos que compõem PossP um a um.

Especificamente, Reduzir Cadeia vai apagar todos os itens [-F] c-comandados assimetricamente pelo elemento [+F] da cópia mais alta. No nosso exemplo específico, isso significa apagar a projeção máxima mais alta que contém somente o elemento “anthrópon” “pessoas”. Desse modo, o elemento [+F] passa a ocupar a posição mais baixa na ordem de c-comando, e as duas regras prosódicas – a Regra Básica do Foco e Alinhar-φ,R – convergem nesse mesmo elemento, de modo que não entram mais em conflito. A frase fonológica φ que será definida para o DP genitivo, portanto, terá acento prosódico marcado em “pollōn” “muitos/maioria”.

Subsequentemente, como o item lexical “anthrópon” “pessoas” foi apagado na cópia alta, mas ainda precisa ser pronunciado para satisfazer Interpretabilidade Plena, ele será pronunciado na cópia baixa de PossP. Nessa cópia, contudo, os elementos “tōn pollōn” “a maioria” precisam ser individualmente apagados, visto que já serão pronunciados na cópia mais alta. O apagamento disperso, portanto, se aplica sobre a estrutura em (28) de modo a gerar (29):

(29)



Árvore Sintática 6: derivação completa de “tèn tōn pollōn dóksan anthrópon” “a opinião da maioria das pessoas” com apagamento disperso [fonte: produção própria]

Importante salientar que o DP “tèn tōn pollōn dóksan anthrōpōn” “a opinião da maioria das pessoas” como um todo definirá duas frases fonológicas recursivas em seu interior. A estrutura prosódica irá violar Não-Recursividade uma única vez no interesse de permitir que ambas as regras hierarquicamente superiores e invioláveis sejam respeitadas. A frase fonológica do DP acusativo como um todo ($\varphi_{\text{acusativo}}$) terá uma outra frase fonológica, do DP genitivo ($\varphi_{\text{genitivo}}$), recursivamente contida em si, conforme (30).

(30) [tèn [tōn pollōn] _{$\varphi_{\text{genitivo}}$} dóksan anthrōpōn] _{$\varphi_{\text{acusativo}}$}

A frase fonológica do DP genitivo terá acento prosódico em “pollōn” “muitas/maioria”, satisfazendo a Regra Básica do Foco. Uma vez que essa exigência fonológica já está satisfeita em $\varphi_{\text{genitivo}}$, Alinhar- φ, R pode definir acento prosódico em $\varphi_{\text{acusativo}}$ sem entrar em conflito com ela. Portanto, para $\varphi_{\text{acusativo}}$, o elemento mais baixo na cadeia de c-comando assimétrica, “anthrōpōn” “pessoas”, recebe o acento prosódico.

Desse modo, a derivação com apagamento disperso gera corretamente a ordem linear observada no dado, sem, contudo, desfazer a estrutura sintática do constituinte. As relações sintático-semânticas, portanto, são preservadas, e nenhum movimento ilícito dados os pressupostos atuais desenvolvidos como parte do Programa Minimalista é necessário para obter a descontinuidade.

Uma vantagem importante do apagamento disperso como explicação para esse fenômeno é que ele não depende de uma configuração sintática específica para gerar a descontinuidade. Qualquer constituinte que define uma frase fonológica pode gerar internamente o conflito entre as regras prosódicas observado aqui. Desse modo, se tais constituintes são copiados sequer uma vez na derivação, eles podem motivar o apagamento disperso e, conseqüentemente, o fenômeno da descontinuidade.

Também é importante frisar que a marcação do traço [F], sendo pragmaticamente motivada, pode separar o constituinte em vários pontos distintos, como previsto nos dados. Considere-se o seguinte dado de descontinuidade interna ao DP, dessa vez com um DP descontínuo dativo que é complemento de um particípio nominal.

(31) ἀλλ' ἀκριβῶς εἰδέναι τοὺς ταύτη χρωμένους τῇ ἐργασίᾳ

all' akribōs eidénai toùs
mas precisamente saber-INF.PERF.AT OS-ACC.M.PL

taútēi khrōménous
essa-DAT.F.SG praticar-PART.PRES.MED.ACC.M.PL

tēi ergasíai
a-DAT.F.SG profissão-DAT.F.SG

“[os homens que compram o direito de cobrar os impostos de prostituição não adivinham,] mas sabem precisamente quem são **os praticantes dessa profissão**”

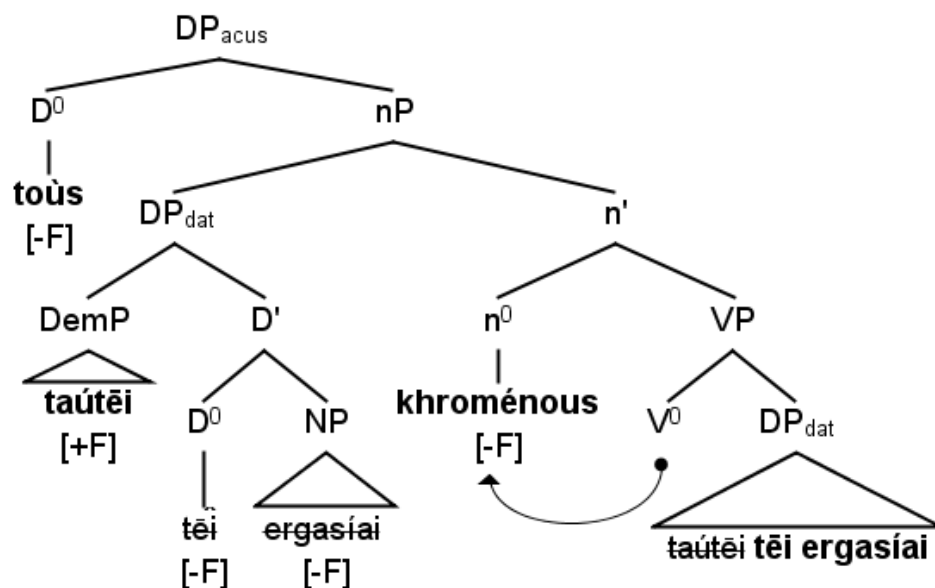
[Ésquines 1.119]

O DP acusativo “toùs taútēi khrōménous tēi ergasíai” “os praticantes dessa profissão” contém o subconstituente DP dativo “taútēi tēi ergasíai” “essa profissão”. O DP dativo, contudo, está embaralhado descontinuamente dentro do DP acusativo. O demonstrativo “taútēi” “essa” se encontra antes do núcleo participio nominal “khrōménous” “praticantes”, separado do restante do DP dativo, “tēi ergasíai” “a profissão”, que ocupa a posição final do DP acusativo.

A proposição dessa oração expressa o fato de que um grupo de coletores de impostos em Atenas seria capaz de identificar todos os praticantes na cidade de uma determinada profissão: a de prostituição. Nota-se, então, que a proposição só é válida dado um conjunto estrito de praticantes de profissões. Dito de outra forma, os cobradores do imposto de prostituição não sabem precisamente sobre ‘praticantes de profissões’ em geral, mas apenas sobre os praticantes da prostituição em específico. Assim, o demonstrativo “taútēi” “essa” é o mais saliente e contrastivo dentro do DP como um todo, por ser o único item lexical que restringe suficientemente o significado do DP de modo a tornar a proposição da frase verdadeira. Portanto, “taútēi” “essa” é marcado com o traço [+F], enquanto os demais elementos do DP são [-F].

Propomos que a estrutura derivacional do DP como um todo, portanto, se dá como em (32). Nessa derivação, sugerimos uma representação para um participio substantivo, onde um VP é selecionado por um nP; essa derivação é apenas tentativa, e não interfere no cerne de nossa proposta. Similarmente, identificamos Spec-nP como ‘landing site’ do movimento do DP dativo de forma meramente especulativa – para nossos propósitos aqui, qualquer projeção acima do item lexical “khrōménous” basta para sustentar nossa hipótese.

(32)



Árvore Sintática 7: Derivação do DP “toùs taútēi khroménous tēi ergasíai” “os praticantes dessa profissão” [fonte: produção própria]

Chamamos atenção para o fato de que, apesar da estrutura sintática desse exemplo ser distinta do dado (26), os mecanismos sintáticos que geram o fenômeno da descontinuidade são os mesmos. Da mesma forma que estabelecemos para (26), a Regra Básica do Foco e Alinhar- ϕ ,R entrariam em conflito caso essa estrutura do DP dativo fosse pronunciada continuamente – i.e. caso Reduzir Cadeia aplicasse o apagamento pleno da cópia baixa do DP dativo.

Para obter uma estrutura prosódica convergente, Reduzir Cadeia se vale do apagamento disperso, apagando, na cópia mais alta, todos os elementos [-F] comandados pelo elemento [+F], ou seja, apaga “tēi ergasíai” “a profissão”. Para a cópia alta do DP dativo, portanto, a Regra Básica do Foco e Alinhar- ϕ ,R convergem em “taútēi” “essa”, de modo que esse item recebe acento prosódico. Uma vez que a exigência fonológica da Regra Básica de Foco já foi satisfeita para a frase fonológica recursiva, Alinhar- ϕ ,R define livremente o acento prosódico da frase fonológica do DP acusativo como um todo, selecionando “ergasíai” “profissão” para receber o acento dessa frase. Todos os requisitos fonológicos invioláveis estão contemplados, e essa estrutura requer uma única violação de um requisito fonológico hierarquicamente inferior – Não-Recursividade – de modo que a derivação irá convergir em PF da forma mais econômica possível.

6. Conclusão

Analisamos neste artigo o fenômeno de constituintes descontínuos no grego clássico, em particular os casos nos quais um DP aparece descontinuamente na estrutura interna de outro DP do qual é subconstituente. Essa instância específica de descontinuidade é particularmente relevante pois resiste às análises já existentes na literatura, de modo que sugere que é necessária uma nova explicação para o fenômeno.

Argumentamos que é possível obter os resultados corretos para a descontinuidade interna ao DP por meio da aplicação da teoria de movimento por cópia de Nunes (1995, 2003). Propomos que o mecanismo de apagamento disperso, no qual os elementos de uma projeção sintática complexa são apagados individualmente em diferentes elos da cadeia de elementos não-distintos, fornece uma explicação elegante para fenômeno, pois conserva a estrutura sintática do constituinte ao mesmo tempo que separa seus elementos em blocos distintos ao longo da estrutura sintática. A operação Reduzir Cadeia, contudo, só pode recorrer ao apagamento disperso se restrições adicionais no componente fonológico PF impedem o apagamento da projeção sintática máxima em cada elo da cadeia.

Sugerimos, portanto, que duas restrições bem atestadas na literatura sobre acento prosódico podem entrar em um conflito irreconciliável no grego clássico. Em situações em que a Regra Básica do Foco e a regra Alinhar- ϕ ,R entram em conflito, um constituinte não pode ser pronunciado por inteiro na mesma posição sem causar uma violação em PF. Consequentemente, nessas instâncias Reduzir Cadeia recorre ao apagamento disperso, apagando os elementos do constituinte complexo de tal modo a separá-lo em frases fonológicas distintas. Estipulamos também que a restrição fonológica de Não-Recursividade é violável no grego clássico sempre que necessário para permitir a convergência das outras duas regras fonológicas. Por fim, demonstramos por meio de dois exemplos que essa proposta obtém os resultados corretos para o fenômeno da descontinuidade interna ao DP.

Este artigo, portanto, oferece uma contribuição importante ao estudo da sintaxe do grego clássico, uma vez que chama atenção para uma instância particular de um fenômeno bem conhecido, e traz uma análise inédita dele. Acreditamos que a proposta avançada aqui é capaz de gerar corretamente não só os casos de descontinuidade internos ao DP, como também o fenômeno da descontinuidade em geral, mas deixamos essa tarefa para pesquisas futuras.

Na medida em que as hipóteses avançadas aqui estão corretas, então, este artigo apresenta evidências a favor da teoria de movimento por cópia. Adicionalmente, o apagamento disperso proposto aqui vê efeitos da sintaxe, da pragmática e da estrutura prosódica interagirem nas operações após ‘Spell-Out’. Esse resultado não contradiz a arquitetura da faculdade da linguagem no que diz respeito à derivação sintática com os níveis de interface lógico (LF) e fonológico (PF), mas sugere que avanços importantes podem ser feitos quando nos focamos nas operações que transferem informações e estruturas de um módulo para o outro.

Referências Bibliográficas

ABOH, Enoch O. Topic and Focus within D. *Linguistics in the Netherlands*, Vol. 21, 2004, p. 1-12. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/248904533>.

ALEXIADOU, Artemis; HAEGEMAN, Liliane; STAVROU, Melita. *Noun Phrase in the Generative Perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

BOŠKOVIĆ, Željko & NUNES, Jairo. The copy theory of movement: a view from the PF. In: CORVER, Norbert; NUNES, Jairo. *The Copy Theory of Movement*. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. 5 ed. Dordrecht: Foris Publications, 1988.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

DIK, Helma. *Word Order in Ancient Greek*. Amsterdam: J.C. Gieben, 1997

GOLDSTEIN, David. *Classical Greek Syntax: Weckernagel’s Law in Herodotus*. Leiden/Boston: Brill, 2015.

HORNSTEIN, Norbert; NUNES, Jairo; GROHMANN, Kleanthes K. *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ISAC, Daniela & KIRK, Allison. The Split DP Hypothesis Evidence from Ancient Greek. *Rivista di Grammatica Generativa*, Vol. 33, 2008, p.137-155.

KAYNE, Richard S. *The antisymmetry of syntax*. Tese de Doutorado – MIT press, 1994.

KIRK, Allison. *A Syntactic Account of Split DPs in Herodotus*. Dissertação de Mestrado (Master of Arts) – Concordia University, Montreal, 2007.

NTELITHEOS, Dimitrios. The Syntax of Emphasis: Split DPs and Nominal Ellipsis. *Proceedings of the 6th International Conference of Greek Linguistics*, Department of Philology, University of Crete, Rethymno, Greece. 2003. Disponível em:

https://faculty.uaeu.ac.ae/dimitrios_n/Publications/Papers--Book-Chapters--and-Pro/Emph_paper.pdf. Acesso em setembro de 2023.

NUNES, Jairo. *The Copy Theory of Movement and Linearization of Chains in the Minimalist Program*. Tese de Doutorado (Doctor of Philosophy) – University of Maryland, College Park, 1995.

NUNES, Jairo. *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Cambridge: MIT Press, 2003.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane. *Elements of grammar: Handbook in generative syntax*. Berlin: Springer Dordrecht, 1997.

ROSS, John Robert. *Constraints on Variables in Syntax*. Tese de Doutorado – Massachusetts Institute of Technology, 1967.

SELKIRK, Elisabeth. Sentence prosody: Intonation, stress, and phrasing. In: GOLDSMITH, John A. *The handbook of phonological theory*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 1995.

TRUCKENBRODT, Hubert. *Phonological phrases: their relation to syntax, focus, and prominence*. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology, 1995.

TRUCKENBRODT, Hubert. The Syntax-Phonology Interface. In: *The Cambridge Handbook of Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.